



**ESCREVIVÊNCIAS DE MERENDEIRAS:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE BRANQUITUDE E NEGRITUDE
NO ESPAÇO ESCOLAR**

Sadrack Oliveira Alves
Mestre em Ensino na Educação Básica (CEPAE/UFG)
SEDUC-GO/NEPEL-UFMT
sadrackalves@outlook.com

Guilherme Rodrigues Viana
Graduado em Letras (UEG)
NEPEL-UFMT
guilherme-viana18@outlook.com

RESUMO

Este estudo, ainda em andamento, investiga como os discursos de merendeiras de escolas públicas revelam, tensionam ou contestam a hegemonia da branquitude e o silenciamento da negritude no espaço escolar. A pesquisa ancora-se na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989; 2001), compreendendo a linguagem como prática social, e dialoga com o conceito de escrevivências (EVARISTO, 2008; 2020), que reconhece as narrativas de mulheres negras como produções de conhecimento e resistência. O objeto da pesquisa são os discursos produzidos por merendeiras que atuam na rede pública de ensino, sujeitos historicamente invisibilizados nas relações escolares e acadêmicas. A problemática central consiste em compreender de que modo essas narrativas expressam identidades racializadas e produzem representações sobre a branquitude e a negritude no cotidiano da escola. A metodologia articula entrevistas semiestruturadas e oficinas de escrevivências, compondo um corpus analisado sob os níveis textual, de evento social e de estrutura social propostos pela ACD. Espera-se, com esta investigação, contribuir para a reflexão sobre o racismo estrutural nas instituições de ensino e para a valorização das escrevivências como prática discursiva emancipatória e epistemologia de resistência negra.

PALAVRAS-CHAVE: escrevivências; merendeiras; branquitude; negritude; análise crítica do discurso.

INTRODUÇÃO

O espaço escolar, historicamente, tem se configurado como lugar de reprodução de desigualdades sociais e raciais, mas também como território de resistência e disputa simbólica. Nele, diferentes sujeitos produzem discursos que revelam e tensionam relações de poder, particularmente no que diz respeito à dualidade entre branquitude e negritude. Nesse contexto, as merendeiras, trabalhadoras da alimentação escolar, constituem um grupo socialmente invisibilizado e pouco explorado pela pesquisa acadêmica, ainda que estejam em contato cotidiano com estudantes e carreguem consigo marcas de raça, gênero e classe.



O objeto deste estudo são os discursos de merendeiras de escolas públicas, compreendidos como espaços de elaboração identitária e racial. Participarão de oito a doze merendeiras, selecionadas mediante consentimento livre e esclarecido. As etapas de produção do corpus incluem entrevistas semiestruturadas e oficinas de escritórias, nas quais as participantes elaborarão narrativas em primeira pessoa sobre suas experiências no ambiente escolar. A análise, orientada pelos pressupostos da ACD (FAIRCLOUGH, 2001), organiza-se em três níveis: textual (estrutura linguística e escolhas discursivas), evento social (contexto de enunciação) e estrutura social (condições de produção ideológica). Busca-se compreender como o discurso dessas trabalhadoras expressa resistências, subalternizações e modos de enfrentamento ao racismo.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa fundamenta-se na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989; 2001; WODAK, 2005), que compreende a linguagem como prática social permeada por ideologia e poder. Apoiada em autores como GRAMSCI (1978), RESENDE e RAMALHO (2006) e VAN DIJK (2008), a ACD permite desvelar as relações hegemônicas que atravessam as interações discursivas no contexto escolar. O diálogo com os estudos de branquitude (SCHUCMAN, 2012; BENTO, 2022) e negritude (MUNANGA, 2012; RIBEIRO, 2019; SOUZA, 2021) possibilita compreender como identidades raciais são produzidas e naturalizadas. O conceito de escritórias (EVARISTO, 2008; 2020) é incorporado como base teórico-metodológica, legitimando as narrativas de mulheres negras como epistemologias próprias e atos de resistência simbólica.

A discussão sobre branquitude e negritude é central nesta pesquisa, pois os discursos das merendeiras se constituem em espaços de produção de identidades racializadas. De acordo com Schucman (2012), o conceito de racialização refere-se ao processo simbólico de atribuição de sentidos sociais a características fenotípicas, que passam a classificar e hierarquizar sujeitos. A branquitude, nesse contexto, funciona como identidade hegemônica, naturalizada como lugar legítimo e superior (Schucman, 2014; Bento, 2022; Eddo-Lodge, 2019).

Compreender a branquitude implica, portanto, analisar também a negritude como movimento de resistência e afirmação. Munanga (2012) destaca que a negritude se configura como identidade construída historicamente em reação ao colonialismo e ao racismo,

promovendo a valorização de culturas africanas e afrodescendentes, bem como a solidariedade e a fidelidade a uma memória comum de luta. Nesse sentido, a negritude (Ribeiro, 2019; Munanga, 2012; Souza, 2021) não se reduz à cor da pele, mas se refere ao enfrentamento das políticas de destruição cultural e à reconstrução de uma identidade coletiva negada pelo olhar ocidental branco.

Assim, ao analisar os discursos das merendeiras, é possível observar não apenas como a branquitude é reafirmada e tida como padrão falacioso, mas também como emergem práticas discursivas de negritude, resistência, silenciamento e ressignificação identitária. No espaço escolar, as merendeiras ocupam uma posição marcada pela divisão social do trabalho e do conhecimento. Como observa Nunes (2000), por realizarem atividades consideradas manuais, essas profissionais são socialmente classificadas como subalternas, às quais não se atribui a capacidade de refletir ou produzir conhecimento sobre sua prática. Essa lógica de desvalorização coincide com o processo de racialização, no qual mulheres negras são frequentemente relegadas a funções de cuidado e serviço, sem reconhecimento simbólico ou epistêmico.

É nesse contexto que o conceito de escrevivências (EVARISTO, 2020), se torna fundamental. As escrevivências legitimam narrativas, sobretudo de mulheres negras, como produções de conhecimento histórico, político e coletivo. Ao serem incorporadas ao campo da ACD, as escrevivências reforçam a perspectiva da pesquisa: não são apenas “dados”, mas atos de resistência discursiva que desafiam a hegemonia da branquitude e inscrevem novas formas de memória e identidade no espaço escolar.

Os resultados parciais apontam que as escrevivências das merendeiras evidenciam tensões raciais, desigualdades simbólicas e formas de resistência cotidiana. Os discursos revelam como a branquitude se manifesta como padrão hegemônico e como a negritude emerge como força de autoafirmação e crítica às hierarquias raciais. As narrativas, quando analisadas pela ACD, mostram o papel ativo dessas mulheres na desconstrução de representações naturalizadas, revelando o espaço escolar como território de disputa ideológica e de construção de novas epistemologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as escrevivências de merendeiras constituem práticas discursivas de



resistência e reposicionamento identitário, desafiando o silenciamento histórico das vozes negras na escola. A articulação entre ACD e escrevivências contribui para o fortalecimento de abordagens críticas e decoloniais da linguagem, ampliando o reconhecimento das merendeiras como produtoras de conhecimento. A pesquisa reforça a importância de escutar e registrar suas narrativas como parte de um movimento mais amplo de enfrentamento ao racismo estrutural no campo educacional.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L; NUNES, Isabella R. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

_____. **Escrevivências da Afro-Brasilidade**: história e memória. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008. EVARISTO, Conceição. Mesa de abertura – XI COPENE – Negras Escrevivências, interseccionalidades e Engenhosidades. 43:32 min. Estreou em 9 de novembro de 2020.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad., ver. téc. e pref.: I. Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Language and Power**. Harlow: Longman Group UK Limited, 1989. MUNANGA, K. **Negritude**: Usos e Sentidos. - Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RAMALHO, V. V. S.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012, Tese (Doutorado) – Programa de PósGraduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo, 2012.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. Trad.: J. Hoffnagel. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Multidisciplinarity CDA**: a Plea for Diversity. Londres: Sage, 2005.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA JR., J. R. L.; SATO, D. R. B.; MELO, I. F. (Org.). **Análise de discurso crítica**: para linguistas e não linguistas. São Paulo: Parábola, 2018.

WODAK, R. The Discourse-Historical Approach. In: WODAK, R.; MEYER, M. (orgs.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. Londres. Sage, p. 63 – 94, 2005.